

Efeitos da inflação nos Açores

Preços nos restaurantes e hotéis aumentaram 23%, produtos alimentares 12% e transportes 13%

Os Açores são a região do país onde se registaram as maiores percentagens de aumentos nos preços em restaurantes e hotéis, nos transportes e nos produtos alimentares.

Os efeitos da inflação registam-se em quase todas as classes do cabaz regional, mas com especial incidência naquelas três classes, cujos aumentos ultrapassam a média nacional.

Analisando o Índice de Preços no Consumidor do SREA, verifica-se que, num ano, os preços nos restaurantes e hotéis nos Açores registaram um aumento de 23,99%, só ultrapassado pela Madeira (27,34%), enquanto nas restantes regiões do país varia entre os 10 (Alentejo) e os 23% (Algarve).

A média nacional da inflação nesta categoria é de 16,33%.

Os transportes são a segunda categoria que mais sofreram com a inflação nos Açores, um aumento de 13,57%, o maior do país, cuja média é de 10,43%.

A seguir vêm os produtos alimentares e bebidas não alcoólicas, com uma subida de 12%, enquanto que a média nacional foi de 15,34%.

Vestuário e calçado, com menos 4,54%, e a saúde, com menos 1,45%, são as únicas duas categorias em que os preços baixaram.

Óleo sobe 36% e frango 25%

O índice de preços começou a subir ainda no ano passado, mas tem vindo a acentuar-se sobretudo desde o início da guerra na Ucrânia.

Segunda-feira, o Instituto Nacional de Estatística (INE) revelou que a inflação em Agosto atingiu os 8,9% no país (6,87% nos Açores e 5,1% na Madeira), com os produtos alimentares entre os principais contributos para esse valor.

Neste segmento, destacam-se os preços da carne de aves e dos óleos alimentares, que tiveram uma variação, respectivamente, de 25,1% e 36,2% entre Fevereiro e Agosto.

Segundo o gabinete de estatísticas, o subgrupo de óleos e gorduras registou “aumentos relevantes a partir de Março”, atingindo máximos em Maio.

A variação deste segmento desde que a Rússia invadiu a Ucrânia, em 24 de Fevereiro, foi, até Agosto de 22,9%, sendo de realçar o comportamento dos preços dos óleos alimentares, que registaram a maior variação no mesmo período — nomeadamente, de 36,2%.

Ainda assim, o contributo dos óleos e gorduras para o índice de preços entre Fevereiro e Agosto foi o mais baixo entre os seis subgrupos analisados pelo INE relativamente aos produtos alimentares, totalizando 0,229 pontos percentuais.

O contributo dos óleos alimentares para a variação do Índice de Preços no Consumidor (IPC) no período em análise foi de 0,176 pontos percentuais.

Esses valores devem-se ao ponderador — cuja principal referência para o



Quem vai ao supermercado encontra praticamente todos os produtos com aumentos de preço, desde a carne aos cereais e também o peixe, ovos e congelados

seu cálculo é a despesa monetária de consumo final das famílias — “relativamente reduzido” da categoria de óleos e gorduras (0,9%), que limita o impacto da sua variação no total do IPC, aponta o INE.

Apesar de um “impacto mais tardio e menos intenso” em relação aos óleos e gorduras, há outros segmentos a destacar nos preços dos produtos alimentares durante os últimos seis meses.

Aumentos dos preços da carne e fruta

Com uma variação de 16,7%, os preços da carne registaram o segundo maior aumento desde o início do conflito, em particular a carne de aves (25,1%) e a carne de porco (23,4%).

Além disso, a carne foi o produto alimentar que mais contribuiu para a variação do índice de preços desde Fevereiro, num total de 0,685 pontos percentuais, dos quais 0,237 pontos percentuais são atribuídos à carne de aves e 0,202 pontos percentuais à carne de porco, indica o INE.

Já os preços das frutas até começaram por diminuir, mas a partir de Março registaram aumentos significativos, apresentando uma subida de 13,7% entre Fevereiro e Agosto e contribuindo com 0,289 pontos percentuais para a variação do IPC.

Neste subgrupo, destaca-se especialmente a fruta fresca e frigorificada, que aumentou 14,4% e cujo contributo fixou-se em 0,268 pontos percentuais.

Subidas no pão e cereais

O gabinete de estatísticas menciona também o aumento de 10,7% no segmento do pão e cereais, com destaque para os outros produtos de padaria, bolachas e biscoitos (12,5%) e para o pão (8,8%).

Entre os produtos alimentares, este

foi o segundo subgrupo que mais contribuiu para o índice de preços — 0,457 pontos percentuais. Aqui, 0,187 pontos percentuais são atribuídos a outros produtos de padaria, bolachas e biscoitos e 0,177 pontos percentuais ao pão.

Também no leite, peixe e ovos

Por fim, os sectores do leite, queijo e ovos e do peixe registaram uma variação de preços de 10,3% e de 8,7%, respectivamente, no período em análise. Quanto ao primeiro subgrupo, destacam-se os preços do queijo e requeijão (11,3%) e do leite magro de vaca (17%), enquanto o custo do peixe fresco ou frigorificado subiu 9,9% nos últimos seis meses.

Embora a variação dos preços do leite tenha sido mais alta face ao peixe, este último (0,300 pontos percentuais) contribuiu mais para a variação do IPC do que o sector do leite, queijo e ovos (0,249 pontos percentuais). Ainda de acordo com os cálculos do INE, o peixe fresco e frigorificado teve um contributo de 0,133 pontos percentuais desde o início da guerra, o queijo e requeijão contribuíram com 0,086 pontos percentuais e o leite magro de vaca com 0,084 pontos percentuais.

Juntando aos produtos alimentares os agregados de serviços de alojamento, electricidade, transportes aéreos de passageiros, restaurantes, cafés e estabelecimentos similares e combustíveis e lubrificantes, o contributo para a variação total do IPC entre Fevereiro e Agosto, que se fixou em 6,3%, foi de 4,7 pontos percentuais.

Cabaz aumenta mais de 12%

Segundo um estudo da DECO, um cabaz de bens alimentares essenciais custa esta semana 206,35 euros, uma

ligeira quebra (menos 0,02%) face aos 206,39 euros que custava há apenas uma semana (31 de Agosto), mas mais 12,38% do que custava a 23 de Fevereiro, véspera da explosão do conflito armado na Ucrânia.

Os aumentos têm-se feito sentir em todas as categorias alimentares, mas são, sobretudo, a carne e o peixe que mais têm visto os seus preços subir.

Entre 23 de Fevereiro e 7 de Setembro, o preço da carne já registou um aumento de 17,46% (mais 5,63 euros).

Fazendo as contas a apenas um quilo de lombo de porco, de frango, de febras de porco, de costeletas do lombo de porco, de bifes de peru, de carne de novilho para cozer e de perna de peru, o gasto pode agora ser, em média, de 37,87 euros.

O peixe, por sua vez, aumentou 14,05% (mais 8,47 euros) no mesmo período.

Para comprar apenas um quilo de salmão, de pescada, de carapau, de peixe-espada-preto, de robalo, de dourada, de perca e de bacalhau, o consumidor pode agora ter de gastar, em média, 68,78 euros.

DECO monitoriza preços todas as semanas

Desde 23 de Fevereiro, a DECO tem monitorizado todas as Quartas-feiras, com base nos preços recolhidos no dia anterior, os preços de um cabaz de 63 produtos alimentares essenciais que inclui bens como peru, frango, pescada, carapau, cebola, batata, cenoura, banana, maçã, laranja, arroz, esparguete, açúcar, fiambre, leite, queijo e manteiga. A DECO começa por calcular o preço médio por produto em todas as lojas online do seu simulador em que se encontra disponível, e depois, somando o preço médio de todos os produtos, obtém o custo do cabaz para um determinado dia.